



EXPERIÊNCIA VISUAL E ARTE: ELEMENTOS CONSTITUIDORES DE SUBJETIVIDADES SURDAS

Mayara Bataglin - UFSM

Resumo: O presente artigo pretende problematizar elementos que vêm constituindo sujeitos que ao longo do tempo foram vistos como sujeitos deficientes: os surdos, e entender como estes elementos – a experiência visual e a arte -, vem produzindo subjetividades surdas. Para tanto, são utilizadas narrativas de surdos que hoje, são referências em sua comunidade em relação as artes, para entender como esses sujeitos são constituídos culturalmente como sujeitos da experiência visual, e como, através da produção, circulação e consumo da arte, esses sujeitos se subjetivam.

Palavras-chave: Experiência visual, arte, sujeito, subjetivação

Introdução

Pensar o campo das artes atrelado à experiência visual na contemporaneidade é problematizá-lo numa relação entre práticas discursivas e de significados. Esse campo de estudos permite entender verdades produzidas por essas práticas discursivas e problematizar sua relação na produção de subjetividades, ou seja, permite entender como determinados sujeitos são alojados numa ordem discursiva, atrelados a relação de poder/saber. Com isso, procurei levantar questionamentos sobre a constituição/significação desses sujeitos.

Em tempos pós-modernos, percebemos que o sujeito não mais é um sujeito puro, não possui mais um essência, mas é um sujeito híbrido, entrecruzado por diversas culturas, diversos discursos e formas de ser. Não há mais como se perguntar: o que é o sujeito, mas: como esse sujeito é constituído. É nesse cenário, através do envolvimento teórico com o campo dos Estudos Culturais, articulando-o a noção de experiência visual, que este artigo pretende analisar como esta articulação vem constituindo “sujeitos da experiência visual”. Utilizo como base teórica para este trabalho os Estudos Culturais, pois estes abordam discussões instigantes, as quais me aproximo, trazendo novos “olhares” para essa problemática.

A expressão “sujeitos da experiência visual” descreve sujeitos que na área de minha formação, a Educação Especial, foram e são tratados como deficientes: os surdos. Esses

sujeitos são discursivamente constituídos através de instâncias culturais da contemporaneidade, que são mais do que simples expressões culturais, são artefatos 2
circulam nas culturas, que vão ensinando esses sujeitos e subjetivando-os. Esses discursos nos mostram maneiras de ser sujeitos culturais. Sendo assim, a cultura pode ser vista como pedagógica, pois assim como a educação, a cultura ensina, molda e transforma, constrói identidades. Podemos dizer então, que a cultura é também uma pedagogia. Claro, não possui um objetivo explícito de ensinar, mas ensinam e transmitem conhecimentos que se instituem como vitais para o processo de subjetivação do sujeito. Essas pedagogias culturais, através das diversas áreas do conhecimento vão transformando sujeitos.

A Educação Especial, também é caracterizada por ser uma pedagogia cultural. Através de seus artefatos, ela ensina, transforma, molda e marca sujeitos. Ela busca naturalizar todos os “atributos deficitários” de sujeitos que em suas práticas discursivas são entendidos como deficientes. Esses são os discursos mais recorrentes em aulas, palestras e discussões. São instituídas principalmente perante os sujeitos surdos. Essas verdades me acompanharam durante muito tempo, mas certas inquietações e desconfortos se faziam presentes em mim e, foram em discussões posteriores atreladas ao campo dos Estudos Culturais numa perspectiva pós-estruturalista que surgiu o sentimento de desconforto e a necessidade de deslocamentos ante essa fixidez presente na área da Educação Especial.

Esses desconfortos e o deslocamento para outras áreas propuseram-me um encontro com o campo das artes, em especial, com as discussões que envolvem as paisagens visuais. Essas desconfortos propiciaram-me sair da área da Educação Especial, a qual olhava para o surdo como alguém marcado pela deficiência e que precisava ser normalizado, e me deslocar para outro campo, o campo das artes, a fim de me aventurar e descobrir novas ferramentas que me permitissem outras possibilidades de entender os processos de constituição do sujeito. Busquei e ainda busco nesse campo, novas possibilidades de interpretação, de flexibilidade perante áreas tão distantes, mas ao mesmo tempo, passíveis de se entrecruzarem. Assim, o sujeito da experiência visual que trago neste artigo é entendido, através dos Estudos Culturais e mais especificamente, dos Estudos Surdos, como um sujeito cultural.

Abro aqui um parêntese para explicar que minha intenção neste trabalho não é criar binarismos, dizer qual área é melhor/pior, certo/errado, mas trazer possibilidades de encaixe entre áreas tão distantes, com base nessa condição pós-moderna onde nada é fixo, mas tudo é

modificado a todo o momento. Essa distância é produzida por um conjunto de saberes que dizem o que é de uma determinada área e o que é de outra mas, este estudo não entende 3 como algo distanciado, pois trabalha dentro de uma perspectiva discursiva, ou seja, essa distância é produto de um discurso. Como afirma Costa (2007, p.19), não busco um “caminho certo, e que, ao encontrá-lo, tudo se resolve como num passe de mágicas”, mas “nasce precisamente da insatisfação com o já-sabido”, e busco respostas que nesse determinado momento dão conta de explicar os processos de subjetivação do sujeito.

Com base no que foi mencionada nos parágrafos anteriores, o presente estudo se constitui na busca de entender como a articulação entre o campo das artes e a noção de experiência visual vem constituindo formas de ser sujeito surdo nesse cenário contemporâneo. Entendo que esse processo de significação do sujeito é construído através da linguagem; não a linguagem como instrumento de descrição ou representação da realidade, mas como produtora de verdade. Assim como afirma Veiga-Neto (2007, p. 31) “o que dizemos sobre as coisas nem são as próprias coisas [...], nem são uma representação das coisas [...]; ao falarmos sobre as coisas, nós as constituímos”. Minha intenção não é tencionar alguns discursos produzidos pela linguagem, os quais produzem maneiras de ser sujeito. Aqui entendo o sujeito como um sujeito cultural que se constitui através dos atravessamentos, de experiências que o tocam e o transformam. Experiência entendida conforme Larrosa (2002, p.21) que “é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca”.

Busquei então, compreender como o campo das Artes, que é um produtor de significados vem produzindo experiências que vão subjetivando os sujeitos. Através desses atravessamentos que os sujeitos sofrem, também procurei entender como essas experiências com as artes vêm produzindo o sujeito visual, neste caso, o surdo. Meu foco foi problematizar como essa arte, como o seu consumo produz um sujeito que se nomeia como sujeito da experiência visual, um sujeito cultural. E problematizar é por à prova, é desnaturalizar respostas prontas e vistas como verdadeiras, para chegar a outras respostas que nos acalmam naquele instante. É a partir desse lugar que proponho olhar para esse trabalho, para esse sujeito e para os campos de saber/poder aqui envolvidos.

O corpus analítico desse trabalho se constituiu com base em algumas narrativas de surdos que estão em contato constante com a arte, seja através do curso superior em Artes, seja através do reconhecimento da comunidade surda como referência de militância cultural dentro dessa comunidade, seja por serem artistas surdos reconhecidos pela comunidade surda

e até certo ponto, pela comunidade ouvinte. Utilizo nesse momento, as palavras de Costa (2007, p14) para descrever os passos desta pesquisa:

4

...Estamos começando a trilhar novos e diferentes caminhos, e que estes podem nos levar a descobrir espaços cotidianos de luta na produção de significados distintos daqueles que vêm nos aprisionando, há séculos, em uma naturalizada concepção unitária do mundo e da vida.

Primeiramente, busquei contato com alguns surdos envolvidos no campo das Artes com a intenção de fazer uma pequena entrevista. Essa entrevista estruturou-se nas seguintes perguntas: Qual a sua relação com as artes e com a comunidade e cultura surda? A arte e a experiência visual são artefatos da cultura surda. Então, como a experiência visual, como elemento constituidor da cultura surda, vem sendo instituída como verdade, como algo pertencente a essa cultura? Como o campo das artes que é um campo produtor de significados vem constituindo formas de ser surdo, vem subjetivando surdos nesse cenário contemporâneo? O que tem circulado e sido consumido de produções artísticas no interior da cultura surda (que formas de artes) para que através delas o surdo se constitua um sujeito da experiência visual? Por questões éticas, os surdos que participaram dessa entrevista, na qual suas narrativas serão analisadas, serão apresentados como sujeito A, B e C.

A partir das narrativas dos surdos entrevistados, entende-se que o sujeito surdo é um sujeito cultural, pois é permeado pela cultura a qual faz parte e a arte é um artefato cultural, a arte constitui o surdo, pois este consome a arte, a faz circular e a utiliza para produzir significados do que é ser surdo. Assim, busquei nesta pesquisa “romper com (ou pelo menos coloca-las em suspenso) representações que muitas vezes habitam nossos próprios modos de pensar e existir acadêmicos” (FISCHER, 2007, p. 56), havendo a possibilidade de mudança, característica fundamental da pós-modernidade.

Cultura Surda e seus Artefatos como Constituidores de Sujeitos

Cada sujeito se constitui como tal por meio das relações que estabelece com uma ou mais culturas, e por meio dos artefatos os quais fazem parte dessa cultura. Mas, qual é o conceito de cultura? Há vários conceitos de cultura, produzidos em diversos aspectos, dependendo do que cada um admite sobre o que é cultura. Cultura, neste trabalho, através da perspectiva dos Estudos Culturais, é entendida como “uma ferramenta de transmissão, de percepção a forma de ver diferente, não mais de homogeneidade, mas de vida social constituída de modos de ser, de compreender e de explicar” (STROBEL, 2008, p.18).

Os Estudos Culturais é um campo amplo, que reúne diferentes perspectivas teóricas, e que mesmo estas sendo tão diferentes, seu foco é entender as práticas culturais. Aqui, são usados numa perspectiva pós-estruturalista, concentrando-se “na análise da cultura. [...] Concebem a cultura como campo de luta em torno da significação social” (SILVA, 1999, p. 133). É um campo que estuda as culturas, suas produções, o que é consumido por elas, como as identidades são construídas em seu interior, estando sempre em transformação, trazendo novas problematizações e reflexões, tirando a fixidez de teorias já estabelecidas.

A cultura tem assumido tamanha importância na contemporaneidade tomando papel central na construção, reconstrução e transformação do sujeito. Ela está em cada esfera da vida na contemporaneidade, seja nas telas, nas imagens, em qualquer instância ela ocupa papel central na constituição da subjetividade. É nesta vasta gama de cultura(s) que surge a cultura surda. Esta, com suas práticas de significação, produz o sujeito surdo.

A “cultura surda é o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modifica-lo a fim de torná-lo acessível e habitável ajustando-o com as suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas” (STROBEL, 2008, p.24). Esta cultura é a expressão de valores dos sujeitos surdos, das suas crenças, dos seus modos de entender as coisas, e de significa-las. Pertencendo à ela, o surdo se sente dono de si, começa a se entender como sujeito diferente, de uma língua diferente, com costumes, bens culturais e maneiras de se expressar diferentes. Essa sensação de pertencimento, essa marca que a cultura surda produz

no sujeito surdo, só é possível em decorrência de artefatos que são elementos ou ferramentas que ensinam, que produzem experiências nos surdos, ajudando no processo de construção da sua identidade e subjetividade.

6

Os artefatos culturais surdos são as “normas e valores do povo surdo [...], peculiaridades da cultura surda” que a ilustram (STROBEL, 2008, p.37). Esses artefatos ensinam jeitos de ser surdo. Entre tantos outros, a “experiência visual” e a “arte”, são entendidos como artefatos culturais surdos.

O surdo tem as artes na cultura surda. Isso está vinculado forte, dentro do surdo e como separar uma da outra? Então, o visual é fortemente ligado a arte. Para algumas pessoas, o visual está pouco ligado, o que está dentro de si é só o básico que ela precisa [SUJEITO A, 2012]

Neste fragmento podemos observar que o surdo entende que é constituído pela experiência visual, que está já nele, intrinsecamente. Ele entende que faz parte de uma cultura, a cultura surda, que o significa e o constrói enquanto sujeito que vê o mundo e o entende através da visão. A experiência visual como artefato surdo é entendida como a forma de os “sujeitos surdos perceberem o mundo de maneira diferente, a qual provoca reflexões de suas subjetividades” (STROBEL, 2008, p.38). Ela é algo fundamental entre os pares surdos, pois é parte integrante de sua constituição, é o meio pelo qual se comunicam e se expressam.

O surdo precisa se entender como tal, aprender a língua de sinais e se comunicar. E é somente através da visão que o surdo alcançará esses objetivos. Assim, ele conseguirá significar o mundo em que vive, pois passa a entendê-lo através de seus olhos. Os sujeitos surdos interpretam as circunstâncias visualmente, através dessas experiências que constrói com as coisas ao seu redor. De acordo com Perlin e Miranda (2003, p.218), “experiência visual significa usar a visão [...] como meio de comunicação. Desta experiência visual surge a cultura surda representada pela língua de sinais, pelo modo de ser, de se expressar, de conhecer o mundo, de entrar nas artes, no conhecimento científico e acadêmico”.

“Entrar nas artes”! É no contato com a arte, na sua descoberta e na sua produção e expressão, que o surdo vai se constituindo sujeito da experiência visual, um sujeito que

percebe o que está a sua volta por meio da visão, e que usa a arte como forma de descrição de sua história, de suas vivências, de seus medos, expectativas, do seu eu.

7

Minha relação com as artes é através da visão, nas cores, através das imagens e de ferramentas que posso usar para a produção desta arte como: ferro, papel, jornal, argila, e etc...[SUJEITO B, 2012]

Como os surdos utilizam para a sua comunicação a visão, na arte eles encontram a satisfação para expressarem o que sentem, o que pensam, o que vivenciam. Suas produções artísticas visam mostrar um pouco sobre o ser surdo, sua história, sua língua, as emoções do surdo e tentar desvendar formas possíveis de entender a cultura surda. Suas manifestações também podem expor a história de luta e opressão que muitos surdos sofreram no passado e suas conquistas no decorrer desses anos. “A arte surda é aquela que representa uma identidade cultural” (DOS ANJOS, 2008, P.9).

Os surdos se identificam muito com produções artísticas próprias da sua cultura, que demonstram os artefatos culturais surdos, que mostram a sua minoria em relação a cultura ouvinte, e estas produções acabam estimulando sua autoestima, pois nelas, os surdos encontram lugar para se expressarem. Como afirma Strobel (2008, p.66), “o artista surdo cria a arte para que o mundo saiba o que pensa, para explorar novas formas de “olhar” e interpretar a cultura surda”. A arte ajuda a pensar sobre o mundo, sobre a(s) cultura(s) na qual(is) estamos inseridos, expõe nossas críticas, opiniões. São nesses momentos que o sujeito surdo vai se identificando como um sujeito cultural, vai se subjetivando e mostrando, desvendando a sua cultura.

Subjetividade Surda: a arte como produtora de sujeitos da experiência visual

Como foi mencionado anteriormente, várias instâncias culturais ditam formas de ser sujeitos. São verdades impostas por grupos majoritários, detentores de um poder, que instituem verdades sobre sujeitos, formas de ser, de se comportar, de como se expressar. Essas

verdades são instituídas como tais através da linguagem. Mas não a linguagem como relato de fatos, como instrumento de nomeação de uma realidade preexistente, e sim, “como um termo geral para as práticas de representação, sendo dada à linguagem uma posição privilegiada 8 construção e circulação do *significado*” (HALL, 1997, p.9). Ela dá sentido, constitui verdades, significa e representa as coisas. Através da linguagem se constitui o discurso, “definido como um conjunto de enunciados apoiados numa formação discursiva, ou seja, num sistema de relações que funciona como regras, prescrevendo o que deve ser dito numa determinada prática discursiva” (FISCHER, 1997, p.64). Em suma,

O que se pensa é instituído pelo discurso que, longe de informar uma verdade sobre a realidade [...], o máximo que pode fazer é colocá-la como uma *re-presença*, ou seja, representá-la. [...] Mas a representação de que aqui falo não se reduz a um conjunto de sinais, símbolos, códigos, ícones etc. e de regras que o articulem. Também não é um produto imaginário ou fantasioso, [...]. E, no caso, não se trata de pensar em melhores e piores representações, mais ou menos corretas; nem de pensar que umas sejam mais verdadeiras [...] que outras (VEIGA-NETO, 2007, p.31-32).

O campo das Artes foi e tem sido um campo produtor de verdades que nomeiam sujeitos. A Arte Moderna, característica do final do século XIX é marcada pela Academia de Artes (Belas-Artes), classificando a sociedade em baixa cultura e alta cultura. Pertencia a esta os colecionadores de obras de arte, a burguesia, nomeados como sujeitos de bom gosto, apreciadores da arte. Também é marcada pela Arte do Museu, o qual reunia e expunha apenas a arte entendida como “obra de arte”. Eram produzidas verdades sobre o que poderia ser considerada arte, e quem poderia ser considerado o artista; este deveria ter o dom, qualidade em seu trabalho e comportamento adequado. Por consequência se dá o distanciamento das “pessoas comuns”, dos apreciadores da arte. A Arte Moderna faz arte a partir do que entende ser arte. A obra assim, “passa a ser alguma coisa feita por um autor com o destino e única função de ser contemplada” (COCCHIARALE, 2006, p.43). O que interessa então, é a estética, o conteúdo da obra, os seus movimentos, as características que a marcam.

A Arte Contemporânea surge rompendo com esses paradigmas e verdades impostas pelas “Belas-Artes”. Ela propõe uma ruptura com a arte moderna e o surgimento de novas teorias e teóricos que trazem outros olhares, outros significados, anteriormente impensáveis; outras atividades, sendo o seu papel principal, a comunicação por meio da linguagem. Esta,

para Cocchiarale (2006) é responsável por toda uma gama de construção da visão de mundo, de percepções sobre ele e de sua organização. Ou seja, ela busca uma relação entre a arte cotidiana, e seu objetivo é perceber as diferentes práticas artísticas, nos mais variados contextos, instituindo assim, os mais variados sujeitos. Aqui, se encaixam os sujeitos em questão neste trabalho: os surdos. 9

Os que vivem imersos nesse mundo ouvinte onde as pessoas conversam, se comunicam pela boca, as bocas de movimentando, constroem a sua própria experiência auditiva, e isso já é construído na arte também. Tem surdos que já nascem surdos, e nunca escutaram nada. [...]pela experiência visual a pessoa começa a construir o imaginário, o abstrato, diferentemente do meio das pessoas que tem o recurso áudio visual, que tem os dois caminhos, tanto auditivo quanto visual.[SUJEITO A, 2012]

“Por meio da arte o homem interpreta o mundo, expressa seu imaginário e exerce sua linguagem, fazendo uso da imaginação e da interação” (DOS ANJOS, 2008, p?). O surdo, da mesma maneira, se constitui através da arte, se subjetiva, institui verdades, demonstra seus sentimentos, o que faz parte da sua cultura. Dessa forma, os outros surdos, tem a possibilidade de adentrarem a cultura surda, entendendo um pouco da sua construção histórica, de como o surdo é constituído, construindo assim a sua identidade. É em contato com sua cultura, e com as coisas que a englobam que o surdo vai se desenvolvendo, se percebendo como tal. A identidade emerge dos conceitos e das definições que são representadas pelos discursos de uma cultura. Estes nos moldam e nos transformam, fazendo com que assumamos posições de sujeitos constituídos por essas práticas discursivas.

A cultura surda procura preservar a imagem da identidade, a sua identidade. Como por exemplo: nós nascemos num mundo onde nós surdos somos minoria. E os surdos se veem como minoria e precisam provar, tem necessidade de nesse tempo, nesse período mostrarem que usam muito as mãos na pintura, nas sinalizações, nas filmagens usam muito. Igual, é para mostrar que nas artes está a sua língua, a língua e as mãos mostram a diferença, que aí está a diferença, isso se mostra muito forte nesse momento. [SUJEITO A, 2012]

A arte é artefato fundamental da identidade surda, seja através das pinturas, do teatro, das filmagens, da literatura. A arte surda traz aspectos da cultura surda, da identidade e da língua dos surdos, que são caracterizados pela experiência visual e que revela o caminho para a auto representação do sujeito surdo. Perlin aponta que

O contato do sujeito surdo com as manifestações culturais dos surdos é necessário para a construção da sua identidade, caso contrário, sua experiência vai torna-lo um sujeito sem possibilidades de auto identificar-se como diferente e como surdo, ou seja, com determinada identidade cultural (2000, p.24).

São muitos os discursos que enfatizam a questão do ser surdo, da sua identificação, do ser diferente. A transformação do sujeito surdo se dá mediante a identificação cultural em contato com os artefatos de sua cultura, entre eles, a arte. Através da arte, da sua transmissão, do contato com ela, o sujeito vai tendo experiências, o que possibilita a desconstrução e reconstrução do seu “eu”. Dessa forma, o surdo começa a perceber e identificar o mundo do seu jeito, o jeito da diferença. Esta diferença está atrelada ao fortalecimento da identidade surda, através do contato com a sua cultura e tudo o que a envolve. São nessas interações com a arte, que o surdo vai descobrindo que é um sujeitos constituído culturalmente, através da experiência visual.

Experiência é nossa relação com o mundo, com as coisas, com os outros e com nós mesmos. “É na visão que está amparado o nosso senso de direção, a nossa noção de espaço, profundidade, distâncias, entre outras características físicas” (DOS ANJOS, 2008, p.39). Ao se falar de experiência visual, podemos perceber que há uma gama muito extensa de “campos perceptuais”, como afirma Dos Anjos, envolvendo este artefato, como por exemplo, a expressão facial e corporal (no teatro), as cores, movimentos, formas (na pintura, nas artes plásticas, etc), que ajudam os surdos a perceberem detalhes da sua cultura, que somente são percebidos e entendidos por eles. “O surdo tem sua percepção apoiada na visão e com isso torna-se mais perceptível a detalhes” (DOS ANJOS, 2008, p.39).

O surdo precisa que a arte, o teatro, o design, pois tudo isso é baseado na visão. É pela visão que os surdos ficam sabendo das notícias, do que é novidade. Também é assim que eles transmitem informações, inventam as coisas. Assim é possível criar, fazer o novo. Isso que é legal.[SUJEITO B, 2012]

Criar significa “expressar nossa existência, as emoções humanas mais profundas” (DOS ANJOS, 2008, p.24). O surdo tem a possibilidade na arte de se mostrar, de se impor

perante uma sociedade majoritária ouvinte, de criar obras que mostrem sua língua, a língua de sinais, que conte a história de opressão ouvintista que seu povo vivenciou em décadas passadas, que retrate a beleza e a harmonia de sua cultura.

Produção e Circulação da Arte Surda em Tempos Pós-Modernos

A pós-modernidade tem sido caracterizada por problematizar discursos, declarações impostas como verdades, atacando as noções de pureza, de fixidez com relação ao campo das artes. No mundo contemporâneo, o sujeito vem adquirindo diferentes identidades, de acordo com os lugares e culturas a que pertence. Ou seja, “o sujeito unificado da filosofia moderna estaria dando lugar ao sujeito descentrado, pós-moderno, que não tem uma identidade fixa, essencial e permanente” (COSTA, 2007, p.99).

O sujeito da pós-modernidade é atravessado por vários discursos e imagens, que vão produzindo um modo de ser, vão produzindo práticas de significação/subjetivação. “...A produção da subjetividade, hoje, tende a depender, cada vez mais, da produção, da veiculação e consumo através dos meios de comunicação, de discursos sobre técnicas, procedimento e práticas de si” (FISCHER, 2007, p. 47). Esses discursos, técnicas e procedimentos são produzidos pelas culturas, através de artefatos pertencentes a elas, e seus meios de produção, circulação e consumo tem se expandido com as novas tecnologias.

A arte como artefato cultural dos sujeitos surdos, e suas mais variadas ramificações, é um meio de produção, circulação e consumo da cultura surda. Há uma variedade de artistas surdos, nas mais diversas áreas da arte, usando-a para se estabelecer como sujeito diferente, sujeito cultural, que é capaz de produção, de expressão, buscando “superar o domínio da sociedade majoritária mostrando sua capacidade [...], sua arte como expressão e comunicação” (DOS ANJOS, 2008, p.47). O surdo é o sujeito que constrói a história do seu povo e a sua também, através da fotografia, das artes visuais, do teatro, da música da literatura, dando significado a ela.

As produções artísticas mais recorrentes hoje no interior da cultura surda são o teatro, as obras de arte, como pinturas, esculturas, a dança, o teatro, a poesia. [SUJEITO B, 2012]

Muitos surdos se identificam com o teatro, com a representação artística, pois grande parte dos elementos utilizados para a expressão nas peças fazem parte da identidade cultural do surdo, como por exemplo, a expressão facial e corporal. Segundo Strobel (2008, p.68),

No teatro, a expressão através das feições, corpo e língua de sinais é constantemente praticada pelos sujeitos surdos, por isso eles têm grande talento para expressar suas identidades culturais através de desenhos no ar: as poesias, as narrativas e as contações das histórias.

O teatro se apresenta como um ícone da cultura surda. Ele proporciona ao surdo o desenvolvimento do seu ser artístico, e de um modo particular, dos seus sentimentos e expressões pessoais. E mesmo o artista surdo, através da sua expressão, e de todas as atribuições que o envolvem como sujeito da visão, produz interação com o público pois, “o público compreende o espetáculo pelas sensações e emoções que ele desperta, não pela fala” (DOS ANJOS, 2008, p.45). Alguns exemplos de artistas surdos conhecidos pela comunidade surda, em relação ao teatro são: Nelson Pimenta, que desde pequeno tem envolvimento com as artes, tornando-se ator, autor, e pesquisador; Sandro Pereira dos Santos, que é ator surdo, instrutor de Libras e professor de expressão corporal e teatro para surdos, entre outros.

Nas obras de arte, sejam elas pinturas, esculturas, é possível perceber um pouco de como é o sujeito surdo, e o que sente a cada produção. Strobel (2008) explica que através de desenhos, pinturas, e demais manifestações artísticas, o surdo procura expor temas como a beleza, o equilíbrio, as revoltas decorrente de discriminações sofridas. Há muitas obras que mostram principalmente as mãos, pois são elementos identificatórios da comunidade surda, que através da comunicação, a aprendizagem acontece. A língua de sinais se expressa como um aspecto da arte surda, pois é a partir dela que o surdo consegue se expressar, consegue se desenvolver enquanto ser humano e desenvolver sua linguagem. Alguns surdos pintores conhecidos que trago aqui são: Marcos Anthony, pintor que retrata em suas produções alguns

conceitos religiosos, e ilustra sociedades minoritárias; Glauco Machado Guedes, pintor reconhecido que usa a arte como ferramenta contra a depressão.

Quando falamos em surdos, dificilmente relacionamos estes sujeitos à produção artística musical (dança). Mas ao contrário do que muitos acreditam, alguns surdos se interessam por essa arte, fazendo parte de corais, escolas de dança, entre outras coisas. A música em si, não é vista pela maioria dos surdos como um artefato pertencente a sua cultura, mas alguns surdos têm buscado conhece-la e se apropriar dela. Surgem assim, “alguns artistas surdos em diferentes contextos como: música-sem-som, dançarinos, atores” (STROBEL, 2008, p.70). A dança é uma atividade humana que envolve o corpo e leva o sujeito a descobrir seu domínio e controle. Cacau é um dançarino surdo muito conhecido pela comunidade surda do Rio Grande do Sul, que hoje viaja dando palestras sobre a cultura surda; Cláudio Magalhães é professor de dança de salão.

Na poesia, o surdo encontra a possibilidade de transmitir de geração em geração as suas histórias, suas vivências, com o objetivo de provocar nos demais surdos o sentimento de pertencimento a cultura surda. É vista como ferramenta que reforça o vínculo entre os surdos de diferentes gerações. O artista surdo busca mostrar em suas poesias o seu contexto servindo “de modelo para os surdos para ajuda-los a percorrer o caminho da descoberta e divulgar uma comunidade e uma cultura diferente” (DOS ANJOS, 2008, p.58). O surdo, utiliza as mãos, a expressão facial e corporal, os classificadores, as configurações de mãos, para dar vida aos seus pensamentos. Rosani Suzin é poetisa muito conhecida e respeitada pela comunidade surda pela leveza nos sinais e pelos sinais que fluem em suas mãos.

Há hoje, com o avanço das tecnologias, outra arte que entra em contato com a cultura surda: a fotografia. Um dos surdos entrevistados explica um pouco mais essa relação entre arte-surdo-fotografia:

Me relaciono mais na área da fotografia, a qual mostra a linguagem visual bastante diversificada. [...] Na área de fotografia que faço, é possível observar os detalhes mínimos em que o surdo pode perceber e descrever o quão significado é. [...] Como tenho trabalhado mais na área de fotografia, os surdos trabalham muito melhor fotografando os ambientes para descrever mais detalhes e ter um auto-estima melhor por ter tirado fotos melhores quando recebem um elogio. É a mesma forma daquelas pessoas que fizeram noutras áreas de artes como pintura, cinema, por exemplo. [SUJEITO C, 2012]

A fotografia trabalha com a imagem, ou seja, essa imagem diz respeito ao que o surdo vê, se identifica, e registra. Através das imagens que obtém, ele se reflete, reflete seu modo de vida. As artes, os livros, os textos, as imagens são mais do que expressões da cultura, eles se constituem como artefatos que produzem modos de ser. Cocchiarale (2006, p.59-60) diz que “as imagens da fotografia, da publicidade e do cinema” são “conquistas icônicas das tecnologias da imagem”.

E falando em tecnologia, esta tem sido uma das ferramentas mais usadas pelos surdos para produção, circulação e consumo de suas artes, para a comunicação dos artistas surdos. Ela tem se tornado fundamental para o surdo produzir, registrar, se expressar, continuar produzindo e se subjetivando como surdo, como sujeito da experiência visual. E como peça da tecnologia, a mídia vem tomando papel central na divulgação das artes surdas. Ela “é um dos principais meios de circulação das ideias e imagens vigentes nestas sociedades” (HALL, 1997, p.2), e a sua linguagem transforma sujeitos. A mídia possibilita a expansão das relações sociais, anulando a distância entre as pessoas e os lugares.

Essa expansão das relações, é fortemente ilustrada através de uma ferramenta da mídia que hoje é peça chave para que os surdos possam divulgar as suas produções culturais para os demais surdos e ouvintes: a internet, mais especificamente, o “youtube”. Essa ferramenta é destacada na narrativa de um dos surdos entrevistados:

Hoje, atualmente forte é o youtube. Forte mesmo na questão das artes surdas é o youtube. Porque o ouvinte escreve, registra no papel, o seu registro é o papel, mas o surdo não tem, pois ele usa as mãos, então, ele é obrigado a filmar como forma de registro. Então o facebook, o youtube, tudo, piada, poesia, várias produções artísticas desse momento, desse período. Do último ano para cá, houve um bombardeio de vídeos no youtube, tudo isso produções artísticas fortes. Há cinco anos atrás a internet não tinha nada, era mais pinturas das mãos, pinturas, que acabaram se dissolvendo em substituição hoje da internet. [SUJEITO A, 2012]

As maneiras de se expressar e representar as coisas e o outro hoje são construídas na internet, pois esta proporciona a possibilidade de registro da imagem, da sinalização dos surdos, das expressões, do contexto, do cenário. Esta é uma nova maneira de registro das produções dos surdos sem precisar da mediação da escrita da língua oral, mudando seu foco para a experiência visual e no uso dos sinais. Schallenberger (2010, p.13), aponta que “o desenvolvimento tecnológico proporcionou formas visuais de registros e isso favoreceu a publicação e divulgação das produções culturais”.

Pensando nas outras produções artísticas surdas citadas até o presente momento, como a pintura, teatro, poesia, etc, a mídia e mais especificamente, o youtube mostra seu potencial como ferramenta que ganha espaço e abre possibilidades para as expressões surdas poderem ser divulgadas. Assim, o sujeito surdo ganha espaço diante da sociedade ouvinte majoritária, como um sujeito cultural constituído por outros processos de significação, através de outras práticas discursivas, que entende o mundo e se subjetiva através da experiência visual.

“O youtube quando explorado nas produções de uma comunidade cultural como a dos surdos, produz uma maneira de ver e perceber as coisas diferente do que se percebia no passado, quando a televisão não oferecia conteúdos relativos aos surdos” (SCHALLENBERGER, 2010, p.23). Ele produziu a possibilidade de registro em uma língua que é a língua natural do surdo, a língua de sinais, sem precisar utilizar ferramentas da sociedade ouvinte. Essa é uma grande revolução para os sujeitos surdos, pois eles têm agora a oportunidade de registrar e guardar para as gerações futuras, as produções que hoje tem sido feitas, todas em língua de sinais. Dessa maneira, o surdo “está começando a descobrir-se a si mesmo como um sujeito que poderá utilizar a arte como expressão de sua cultura” (DOS ANJOS, 2008, p.16), e mais, como expressão de si mesmo.

Para finalizar...

A partir do exercício analítico e embasamento teórico proposto nesse estudo, que objetivou olhar para a arte e a experiência visual como artefatos constituidores de sujeitos surdos, pode-se perceber o quanto essas duas instâncias culturais e suas mais variadas formas contribuem para a constituição do sujeito surdo.

A presença da arte seja por meio da pintura, do teatro, da poesia ou da mídia trás sentido, organização do pensamento e ideias que se tornam fundamentais do processo de subjetivação do surdo e de pertencimento a um grupo que vive e experiencia o mundo da mesma forma, ou seja, da forma visual. E a formação do olhar perpassa as vivências dos surdos. O sentimento de pertencimento dá motivação e interesse para que cada vez mais o surdo sinta-se parte integrante dessa cultura.

Os artefatos demonstrados no decorrer desse trabalho são sistemas de significação que ajudam na produção de identidades e subjetividades nas mais diversas culturas, e assim também, na cultura surda. Eles fazem parte de um jogo o qual vai subjetivando os sujeitos através da sua internalização e apropriação.

A arte hoje, pode estar em qualquer lugar, ou melhor, em vários lugares ao mesmo tempo através de novos recursos que aparecem a todo momento ao nosso redor. Estes, a cada momento estabelecem novas relações entre sujeitos, proporcionam a troca de experiências, e a divulgação e apropriação de elementos que vão nos constituindo sujeitos. Todas essas novas possibilidades se dão em decorrência dessa expansão das tecnologias relacionadas a arte, que “passou a buscar uma interface com quase todas as outras artes” (COCCHIARALE, 2006, p.16).

Ao decorrer das narrativas, pode-se ver que os surdos utilizam essa ferramenta, a arte, desde muito tempo como possibilidade de ir ganhando espaço perante a sociedade ouvinte, e que mesmo com as novas tecnologias, o surdo não se estabilizou no tempo, mas continua buscando a todo momento novas maneiras de expressão. A arte serviu e tem servido para divulgação da cultura e de um sujeito diferente, e “é assim que o mesmo reafirma valores ou os questiona, critica o estabelecido, faz rupturas e faz emergir o novo”.(DOS ANJOS, 2008, p.9).

Referências:

CORAZZA, S. M. Labirintos da pesquisa, diante dos ferrolhos. In: COSTA, M.V. (Org.) **Caminhos Investigativos I: Novos olhares na pesquisa em educação**. 3. ed. Rio de Janeiro: Ed. Lamparina, 2007, p. 103-127.

COCCHIARALE, F. **Quem Tem Medo da Arte Contemporânea**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Ed. Massangana, 2006.

COSTA, M. V. Novos olhares na pesquisa em educação. In: COSTA, M.V. (Org.) **Caminhos Investigativos I: Novos olhares na pesquisa em educação**. 3. ed. Rio de Janeiro: Ed. Lamparina, 2007, p. 13-22.

DOS ANJOS, R.V.O. **Auto-estima Resgatada pela Identidade com Artistas Surdos**. 73f. Trabalho de Conclusão de Pós Graduação em Pedagogia da Arte. – Faculdade de educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

FISCHER, R. M. B. Verdades em suspenso: Foucault e os perigos a enfrentar. In: COSTA, M. V. (Org.) **Caminhos Investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação**. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. Lamparina, 2007, p. 49-70.

HALL, S. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. In: **Educação e Realidade**. Porto Alegre, v.22, n. 2, jul./dez., 1997a, p. 15-46.

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. In: **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, nº. 19, jan./abr., 2002, p. 20-28.

PERLIN, G. . Identidade Surda e Currículo. In: Cristina Lacerda. (Org.). **Surdez: Processos educativos e subjetividade**. São Paulo: Louvise, 2000, v. , p. 23-28.

PERLIN, G. ; MIRANDA, Wilson . **Surdos: O narrar e a política**. Florianópolis: Ponto de Vista (UFSC) v. 05, p. 217-226, 2003.

SILVA, T. T. **Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

SCHALLENBERGER, A. **Ciberhumor na Comunidades Surda**. 75f. Dissertação de Mestrado em Educação – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do sul Porto Alegre.

STROBEL, Karin. **As Imagens do Outro Sobre a Cultura Surda**. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2008.

VEIGA-NETO, A. Olhares... In: COSTA, M.V. (Org.) **Caminhos Investigativos I: Novos olhares na pesquisa em educação**. 3 ed. Rio de Janeiro: Ed. Lamparina, 2007, 23-38.